

## Associação Nacional de História – ANPUH

### XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

#### **Distintos percursos dos imigrantes italianos: analisando a História da Imigração Italiana para o Rio Grande do Sul.**

Maria Catarina Chitolina Zanini (UFSM)  
Miriam de Oliveira Santos (CPDA/UFRJ)

#### **Resumo:**

Esta proposta tem por objetivo analisar, partindo de duas experiências etnográficas distintas, uma realizada na região da serra gaúcha e outra na região central do Rio Grande do Sul, os distintos rumos de dois fluxos migratórios de italianos para o Brasil, iniciados no final do século XIX, destacando a importância da estrutura familiar para ambos. Foram processos inicialmente semelhantes, mas que, devido às diferentes trajetórias dessas colônias, sua localização e suas relações com o contexto regional e nacional, desenvolveram-se de forma distinta, gerando diferentes contatos culturais e identidades diversas. Neste caso, a história oral, a historiografia e as fontes escritas surgem como auxiliares preciosos para compreender essa diferenciação e o papel fundamental exercido pela ordem familiar na manutenção das identidades étnicas de pertencimento.

**Palavras-chave:** (1) italianos; (2) identidade étnica; (3) imigração familiar

#### **Abstract:**

This paper aims to analyze the differences found between two streams of migration and the importance of family structures for both. The analysis was derived from two ethnographic research studies. One was carried out in the “serrana (mountain) zone” of Rio Grande do Sul and the other in the central zone of the state. For both, the initial process was similar, but due to the different courses taken and the relations established with the regional and national context, the two streams developed in different ways, creating different cultural contacts and identities. For our research, the oral history and the scribed fonts were essential for us to understand this differentiation and the importance of the family hierarchy in the maintenance of ethnic identities.

**Key words:** (1) Italians; (2) ethnic identity; (3) familiar migration

Este artigo tem por objetivo analisar, partindo de experiências etnográficas junto a descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, algumas zonas de fronteira entre Antropologia e História, que nos permitiram refletir sobre como dois processos migratórios semelhantes em seu nascedouro, desembocaram em trajetórias migratórias compreendidas como distintas, uma tida como exemplar do ponto de vista econômico e outra

considerada “fracassada”<sup>1</sup>. O processo migratório considerado mal sucedido seria aquele derivado da Colônia Silveira Martins, que teve a colonização iniciada em 1877, na região central do estado, vizinha a Santa Maria, e o processo bem sucedido seria aquele desenvolvido na região serrana do estado, com colonização iniciada em 1875 e vizinha a Porto Alegre.

Não pretendemos responder tal questão, que não é nossa e com a qual não concordamos de todo, mas somente salientar o quanto há problemas de pesquisa que merecem tratamentos multidisciplinares e como, em nossas pesquisas etnográficas originais, que resultaram em duas teses de doutorado<sup>2</sup>, procuramos conhecer os grupos que iríamos pesquisar, o que nos permitiu tentar refletir acerca dessas distintas trajetórias, sem classificá-las hierarquicamente ou valorativamente como de sucesso ou não. Embora as distinções do ponto de vista econômico sejam visíveis, uma vez que a região serrana é um pólo industrial rico, o que pretendemos neste *paper* é chamar a atenção para a vigilância epistemológica que devemos ter quando classificamos grupos e processos sociais.

### **A vigilância epistemológica**

Apesar de acreditarmos que tanto a Antropologia como a História são ciências abertas e em constante redefinição, este *paper* tem por desafio problematizar algumas intersecções entre elas, que nos permitiram dialogar com nossos “objetos”. Refletindo acerca das questões que ambos os cientistas – historiador e antropólogo- levam a campo e que, por vezes, são distintas, por outras não, salientamos o quanto, partindo de nossos estudos, a etnografia não é presentista em absoluto e nem a história (do passado) pode ser interpretada sem se considerar que as categorias narrativas que utilizamos para nomear e classificar grupos e situações são oriundas de nosso meio cultural e acadêmico atuais. Considerando-se esses pequenos cuidados epistemológicos, de antemão, propomo-nos a refletir acerca desse encontro de saberes que, em nossas pesquisas, mostrou-se essencial.

Sendo assim, não entrando em discussões já elaboradas por antropólogos como Levi-Strauss (1985 e 1976) ou Sahlins (1987), acerca do estatuto da História ou da Antropologia, objetiva-se aqui, de uma forma breve e simples, baseada em situações

---

<sup>1</sup> Essa é uma classificação atribuída por pensadores locais, que tentam compreender como a região de colonização italiana do centro do estado não prosperou como a região serrana. Enfim, trata-se de um termo “nativo”.

<sup>2</sup> Uma, realizada de 1997 a 2001, defendida na USP (Zanini, 2002), que estudava descendentes de imigrantes italianos em Santa Maria e região, e outra, realizada no MN-UFRJ (Santos, 2004), que estudava a *Festa da Uva*, promovida por descendentes de imigrantes italianos em Caxias do Sul. Ambas vinculadas aos programas de Pós-graduação em Antropologia Social.

empíricas, salientar o quanto presente e passado são categorias temporais relativas e, dependendo de qual sociedade se pesquisa e de como esta organiza seu tempo, o pesquisador necessita saber partilhar. Esse partilhamento, que Johannes Fabian (2006) denomina “coetaneidade”, ou seja, a real possibilidade de existência de uma “comunidade de fala”, quando da pesquisa etnográfica, num compartilhamento de tempo. Enfim, algo que viabilizasse uma real comunicabilidade entre pesquisador e pesquisados. Segundo ele, o trabalho antropológico que somente dá certo se for feito “com eles, e não sobre eles” (ibidem:513). Foi esse, de certa forma, nosso procedimento, ao realizarmos pesquisa etnográfica num grupo que utilizava as narrativas do passado migrantista como algo vital em suas trajetórias identitárias presentes. Nessas construções presentes, mas baseadas num passado, a família, o sangue, o pioneiro, são categorias constantemente invocadas e que ainda têm peso valorativo forte como sinal adscritivo de ser “italiano” no presente. Em suma, não seria possível compreender o presente daquelas pessoas sem conhecer a construção que elas mesmas faziam do seu passado.<sup>3</sup>

E essa não é uma questão pequena, pois podemos estar procurando “estruturas de significado” atuais e nossas, que não necessariamente existiram no passado ou tenham feito ou façam sentido para o grupo ou período estudado. Assim, salienta o autor, devemos procurar por meio dos arquivos e em seus documentos, compreender quais estruturas de significado estariam presentes nos fatos que analisamos e tomamos como objeto de nossas pesquisas. Assim, com quais categorias as pessoas se comunicavam, como produziam estratificações e classificações sociais? Desse modo, nessa imersão nas estruturas de significação do grupo, poderíamos, mesmo em documentos, tentar uma certa “descrição densa” (Geertz, 1986), que nos colocasse em comunicação com aquelas pessoas, mesmo que elas não existam mais fisicamente. Como ressalta Darnton (1989:232), a História seria a tentativa de entrar em contato com essas “almas mortas”. Isso num sentido de que se deve exercitar um distanciamento epistemológico em relação aos “documentos” e seus estatutos, buscando mundos simbólicos que criaram estruturas de significado no passado, para aquelas

---

<sup>3</sup> Há muitas indagações a serem realizadas nesse diálogo entre ciências, principalmente numa era em que a Antropologia deixa de estudar o Outro longínquo e estuda o próximo, aquele que partilha, ao menos parcialmente, de uma comunidade de fala. Outra questão é acerca das sociedades que se preocupam em registrar seu passado e aquelas que não. Há também as sociedades que preservam o passado por meio da oralidade, há as que são letradas e que registram cronologicamente seus fatos. Essas cronologias são culturalmente orientadas, salientamos. Contudo, uma série de questões que são anteriores ao fazer historiográfico ou etnográfico, seria a observância de que fazemos história para uma comunidade acadêmica que se importa com o tempo e seu registro. Portanto, fazemos ciência para os pares e não para os Outros. Epistemologicamente, essas seriam questões relevantes, pois, como salienta Danrton (1986,1989), levamos questões do presente quando olhamos o passado como objeto de estudo, como a discussão colocada aqui, acerca da noção de sucesso ou fracasso de um processo migratório.

peessoas, mesmo que já “mortas”. Esses mundos simbólicos, como ressalta o autor, são como “idiomas: são sociais, não individuais” (ibidem:232).<sup>4</sup> Então, poderíamos compreender porque as elites locais da Colônia Silveira Martins, na época, preferiram rumar para o núcleo urbano de Santa Maria ou de outras localidades e não investir seu capital na própria colônia. Para eles, talvez a colônia tenha sido bem sucedida sem estar territorialmente localizada na região colonizadora inicial, mas sim enquanto grupo que migrou para outras localidades e que manteve alguns valores culturais. Ou seja, como ponto de expansão e não de destino, pois alguns daqueles imigrantes ascenderam, o que era seu objetivo com o processo migratório inicial, mesmo que não na colônia. Isso é visível nas camadas médias e altas de Santa Maria, nas quais os descendentes de italianos são parte significativa.

Enquanto antropólogas, concordamos com Darnton (2007) que fazer História é interpretar o passado e não recontá-lo como se fosse algo em absoluto.<sup>5</sup> O pesquisador seleciona, classifica, ordena, elege objetos de pesquisa e isso está de acordo com questões epistemológicas e também políticas, como ressalta Bourdieu (2004) quando se refere ao campo científico em particular. Fazemos ciência contextualizada, em campos, não há uma ciência que paira além das relações sociais estabelecidas entre os homens e suas convivências, macro ou micro-sociais. Assim, como ressalta Hannerz (1997), cada época tem suas palavras-chave. Referindo-se ao presente antropológico, diz que as atuais palavras-chave seriam “fluxos”, “fronteiras” e “híbridos”, ou seja, terminologias que fazem sentido num contexto histórico de trânsitos espaço-temporais, como esta época transnacionalizada. Diríamos também que definir uma migração como fracassada ou não também faz parte das categorias classificatórias atuais e que não podem ser usadas sem se considerar as multiplicidades de estruturas de significado que devem ser compreendidas na migração de capitais econômicos, humanos e simbólicos da colônia Silveira Martins para outras localidades também, numa rede.

### **A Etnografia e suas buscas “históricas”**

Será possível pensar etnograficamente por meio de documentos de arquivos, de relatos, jornais, fotografias, cartas, atas etc? Pensamos que sim, como bem mostrou Frehse

---

<sup>4</sup> Ressalta o autor (Darnton, 1989:232) que “...o grande desafio é reunir esse material disperso em diferentes espécies de fontes, com o objetivo de reconstruir um mundo simbólico que teve existência real”.

<sup>5</sup> Diz o autor que: “A maioria dos estudantes acredita que aquilo que lê nos livros de história corresponde ao que a humanidade viveu no passado, como se tivéssemos recuperado todos os fatos e os enfileirado na ordem correta, escrita em preto e branco e embaladas em segurança entre as capas de um livro didático. A ilusão se dissipa rapidamente para qualquer pessoa que já tenha trabalhado numa biblioteca ou num arquivo” (Darnton, 2007, s.p.)

(2005), em seu estudo sobre a civilidade nas ruas de São Paulo do passado. Como isso seria possível? Para uma pesquisa como esta, o antropólogo tem que ter clareza acerca do que objetiva nos arquivos e nos documentos que seleciona. Por arquivos, entendemos tanto arquivos pessoais como os públicos e já institucionalizados. Assim, em nossas pesquisas etnográficas, constatamos a existência de vários arquivos pessoais nos quais os descendentes de italianos guardavam seu passado, suas origens, suas trajetórias. Eram compostos por documentos, passaportes, receitas, rezas, santinhos, fotografias, roupas dos antepassados, álbuns, livros etc.<sup>6</sup> Em nossa compreensão esses também são arquivos que têm a vantagem de poderem ser retraduzidos e re(codificados) por meio do contato e das conversas nas pesquisas etnográficas *in loco*. Mas, onde estaria fixada a viabilidade desta empreitada? cremos que na própria concepção de etnografia de Geertz (1987), que nos alerta acerca do que, inicialmente, deveríamos buscar em campo ao tentarmos fazer uma “descrição densa”. Assim, esses arquivos poderiam ser traduzidos como “veículos que transmitem significado” (2000:179). Mais do que fatos, eventos ou acontecimentos, salientam os jogos e negociações de significado que aqueles discursos ali preservados demarcam, como bem explica Pesavento (2002/2:s.p.), ao enfatizar que imagens pictóricas, poemas, lendas etc, seriam representações do mundo que ofereceriam ao historiador as portas de entrada ao “mundo das sensibilidades” das épocas. Destacamos que esse não é um processo fácil e requer do antropólogo uma constante vigilância epistemológica e distanciamento cultural, além de um desejo de dialogar com essas sensibilidades, o que poderia ser verificado no exemplar trabalho de Seyferth (2004) sobre a literatura de teuto-brasileiros.

Zanini (2006), em sua pesquisa com descendentes de imigrantes italianos na região de Santa Maria, teve de recorrer ao *Arquivo Histórico Municipal* e aos arquivos pessoais, visando a compreender as negociações de sentido que estavam sendo narradas por meio das entrevistas que fazia. Em especial, de entrevistados que se remetiam ao período do Estado Novo, principalmente após 1942, quando o Brasil entra na II Guerra Mundial, lutando junto aos Aliados contra o Eixo, formado por Alemanha, Japão e Itália, o que fez com que os descendentes de italianos locais sofressem represálias e repressões. Nos jornais do período, considerando-se os elementos ideológicos envolvidos na produção daquele discurso, mostrava-se todo um cenário de confronto e de repressão, que possibilitou melhor compreender algumas narrativas que estavam sendo analisadas. Assim, esses “documentos” relatavam situações cotidianas, discursos oficiais e todo um mapeamento da alteridade na

---

<sup>6</sup> Tema, aliás, que findou por gerar artigo denominado *Guardiões de memórias- a força dos arquivos pessoais* (Zanini, 2004).

cidade. Por meio deles, foi possível ingressar num universo possibilitado pela linguagem impressa daquele periódico.

Em Caxias do Sul (Santos, 2004), os arquivos permitiram vislumbrar as cisões e mudanças na imagem do grupo e, especialmente, perceber como a aparente homogeneidade é construída. Por meio da pesquisa em jornais antigos, foi possível fazer as perguntas “certas” para as pessoas “certas”, e assim não só facilitar a entrada no campo, mas também enriquecer o material etnográfico.

### **Os arquivos e suas possibilidades**

Como salienta Cunha (2005), deve ser observado, numa pesquisa em arquivos, o estatuto do que se denomina “documento”, além de se saber combinar pesquisa em arquivo com pesquisa de campo num sentido mais tradicional, face a face. Isso porque a pesquisa etnográfica tradicional pressupõe o contato direto com os nativos, “o estar lá”. Mas, quando os nativos já não existem mais? Assim, os arquivos se tornam portas abertas para a busca das estruturas de significações do passado, que poderiam dialogar ou não com aquelas do presente. Nossas pesquisas mostraram o quanto é necessário compreender, nas comunidades de fala, possibilitadas pelo encontro etnográfico, o que procurar nos arquivos e quando procurar. Como esclarece Castro (2005:s.p.), os arquivos devem também ser observados como um campo povoado por “sujeitos, práticas e relações suscetíveis à experimentação antropológica”. Ele alerta que os arquivos devem ser “desnaturalizados” (2005:s.p.).<sup>7</sup>

Isso implica que o antropólogo deve estar atento ao campo, mesmo quando este é um arquivo, em especial um arquivo institucional e público. Assim, deve perguntar: por que foram guardados e selecionados estes e não outros documentos? Qual o sentido que esses documentos têm para o guardador? E para quem organiza as coleções? Enfim, questões muitas, dependendo do tipo de arquivo que se pesquisa. O que está ali, como dado, em verdade, foi um enquadramento que esteve sujeito a muitas forças negociadas em estruturas de significação, as quais se mantiveram de um passado até o presente. Assim, um arquivo deve também ser entendido em seu aspecto processual, de movimento.

### **Considerações Finais**

Este *paper* teve por objetivo salientar a importância de uma certa vigilância epistemológica quando se fazem determinadas questões presentistas acerca do

---

<sup>7</sup> Como ressalta o autor, “o que “resta” em um arquivo resulta diretamente de pessoas que definem, em diferentes momentos, certos materiais e não outros – como coisas que “vale a pena guardar” (Castro, 2005:4).

passado e se classificam processos e grupos baseando-se nelas, como a denominação de um processo migratório como bem sucedido e outro como mal sucedido. Não se trata de desmerecer tais esforços, que nós, inclusive, temos feito, mas sim de salientar o quanto o exercício de distanciamento usado na pesquisa etnográfica pode ser útil quando se estuda o passado também.

Procuramos mostrar, além disso, o casamento de pesquisa etnográfica e pesquisa histórica e o quanto este se torna profícuo na compreensão de determinados grupos, como os étnicos, por exemplo. Esses grupos, inseridos no contexto de sociedades nacionais, regionais e locais, sofreram o diálogo de múltiplas forças, que devem ser compreendidas em seus jogos de negociações de sentido, o que implica um alargamento de noções como tempo e espaço. Para esses imigrantes, em especial, ainda que suas trajetórias econômicas podem ter sido distintas (o que cremos, deva ser relativizado), determinadas noções de pertencimento mostraram sua força adscritiva e na mantenedora das fronteiras étnicas, como a organização familiar, por exemplo. A família, seja entre descendentes das camadas médias, altas ou de camponeses pobres, continua sendo uma auto-referência importante para os descendentes de italianos, sejam aqueles da região serrana do estado ou os da região central. A italianidade, enquanto sentimento de pertencimento, está alicerçada na família, compreendida como um patrimônio que agrega valor aos indivíduos e que permite a construção de trajetórias individuais de sucesso ou não que, por vezes, independem da região de colonização, uma vez que os descendentes dos imigrantes se vêem como parte de um processo histórico compartilhado, iniciado com a vinda dos “pioneiros”.

## **Bibliografia**

- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 7 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- CASTRO, Celso e CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Apresentação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.36, s.p., 2005. Disponível em: [www.fgv.br/revista/arq/427.pdf](http://www.fgv.br/revista/arq/427.pdf).
- CASTRO, Celso. A trajetória de um arquivo histórico: reflexões a partir da documentação do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.36, s.p., 2005. Disponível em: [www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/408.pdf](http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/408.pdf), Acesso em: abr. 2007.
- CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Do ponto de vista de quem? Diálogos, olhares e etnografias dos/nos arquivos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.36, s.p., 2005. Disponível em: [www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/407.pdf](http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/407.pdf). Acesso em: abr.2007.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

- DARNTON, Robert. Uma entrevista com Robert Darnton. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol2, n.4, p.232-243, 1989.
- DARNTON, Robert. Vandalismo em Bagdá. *Jornal da Ciência*, 05 de maio de 2003. Disponível em [www.jornaldaciencia.org.br](http://www.jornaldaciencia.org.br). Acesso em: abr. 2007.
- FABIAN, Johannes. A prática etnográfica como compartilhamento do tempo e como objetivação. *Mana*, Rio de Janeiro, 12(2), p.503-520, 2006.
- FREHSE, Fraya. Os informantes que jornais e fotografias revelam: para uma etnografia da civilidade nas ruas do passado. *Estudos Históricos*, n.36, s.p., 2005. Disponível em: [www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/414.pdf](http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/414.pdf). Acesso em: abr.2007
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GEERTZ, Clifford. *O saber local*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da Antropologia Transnacional. *Mana*: Rio de Janeiro 3(1), 7-39, 1997.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural dois*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.
- LEVI-STRAUSS, Claude. Introdução: História e Etnologia. *Antropologia estrutural*. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985. p.13-41.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Este mundo verdadeiro das coisas de mentira: entre a arte e a história. *Estudos Históricos*, n.30, s.p.,2002/2. Disponível em: [www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/331.pdf](http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/331.pdf), Acesso em: abr. 2007.
- PRATT, Mary Louise. Humboldt e a reinvenção da América. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 1999.
- PRATT, Mary Louise. Pós-colonialidade: projeto incompleto ou irrelevante? IN: VÉSCIO, Luiz Eugênio e SANTOS, Pedro Brum (org). *Literatura & História*. Bauru: EDUSC, 1999. p. 17-54.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- SANTOS, Miriam de Oliveira. *Bendito é o Fruto: Festa da Uva e Identidade Entre Os Descendentes de Imigrantes Italianos de Caxias do Sul – RS*. Rio de Janeiro, 2004, tese de doutoramento, PPGAS/Museu Nacional, UFRJ.
- SEYFERTH, Giralda. A idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, n.22, p.149-197, jul/dez 2004.
- ZANINI, Maria Catarina. *Italianidade no Brasil meridional*. A construção da identidade étnica na região de Santa Maria- RS. São Paulo, 2002, tese de doutoramento, PPGAS/USP.
- ZANINI, Maria Catarina. Guardiões de memórias. A força dos arquivos pessoais. *Travessia*, São Paulo, n.49, p.19-23, mai/ago,2004.
- ZANINI, Maria Catarina. *Italianidade no Brasil meridional*. A construção da identidade étnica na região de Santa Maria- RS. Santa Maria: Ed.UFSM, 2006.